



Pintura de Catarina Patrício Leitão 'Como deixei de me apouquentar e adorei a Bomba'

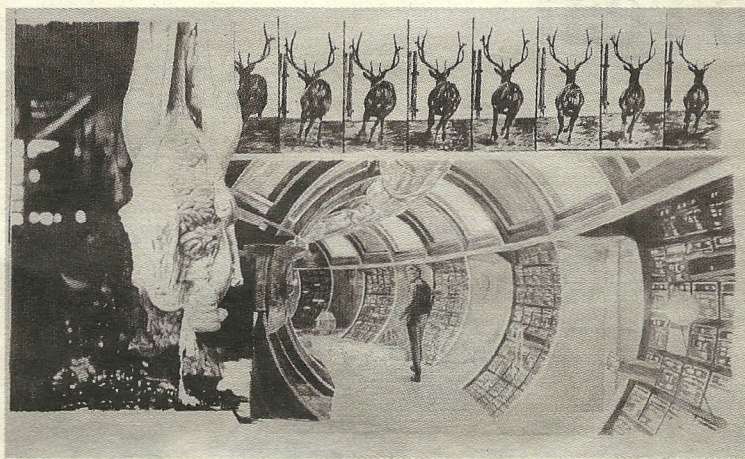
## OLHARES

Rocha de Sousa

# Catarina Patrício Leitão O desenho e o tempo

❖ O caso de Catarina Patrício Leitão é verdadeiramente revelador da prestação qualificada de muitos dos nossos operadores de domínios tecnológicos e artísticos, entre outros. Eles são a prova, como residentes ou imigrados, da rara viagem deste país por tempos de várias contemporaneidades, pelo sentido de aventura e do risco, exprimindo um importante sentido da inovação e de descoberta, por vezes num grande rigor em termos de avanço científico, frequentemente na ligação com o aprofundamento das artes.

Os desenhos de Catarina apresentados na Galeria S. Mamede ultrapassam o simples conceito de modernidade, generalizador e por isso cada vez mais perigoso. Os desenhos, que talvez não o sejam só com esse nome, podem lembrar-nos certos processos plásticos da pintura e acabar por desabrochar semelhanças fotográficas, citações desse meio, porventura do próprio cinema, entre montagens em que a mistura salva o tempo dividido por diversos



Outra obra de PCL 'O que é constringido a superar-se a si mesmo até ao infinito'

Houve momentos (digo-o na primeira pessoa) que estremei ao reconhecer certas presenças, ou personalidades da minha própria memória, no real ou no cinema, planos de *Blade Runner*, registos de outras dimensões nesse domínio, a fotografia em si, o desenho como desafio à fotografia, a dimensão ficcional do fantástico, as armaduras do espaço que objetivamente nos mentem para dizer a verdade. Cada peça é *racord* para outra ou outra, a escrita operosa

gravada nelas, o claro-escuro como serviço à percepção mais do que condição imitativa de coisas pouco nomeadas.

### A LINHA E O FUNDIDO ENCADEADO

Citando um dos textos do catálogo, aprecio ler o seguinte: «Em cada desenho uma série de linhas se cruzam, criando uma efabulação permanente. O método que preside a estes efeitos é difícil de apreender. O interesse de Catarina Patrício pelo cinema

ressalta do cinematismo contido, prestes a explodir em cada uma das imagens, quase todas “desviadas” de filmes cuidadosamente escolhidos, de cineastas como Kubrick, Dreyer, Tarkovsky, Muybridge, que surgem insistentemente nesta série. Mas a própria lógica do desenho dispensa a montagem, mesmo que esta possa estar subterraneamente presente; também a colagem com a qual tem algumas similitudes acaba por ser anulada pela sobreposição de desenhos de desenhos, onde as imagens saem transformadas por diferenças de escala, aumentos e diminuições inesperados, pela gama de negros e de *grisailles*.»

Esta abordagem é decisiva para eleger a leitura dos desenhos. As imagens difusas, entre o cartaz suspenso, a anunciação da chuva e as luzes que apenas disfarçam a sombra, momento que me traiu por *Blade Runner*, relevam de uma poética noturna próxima do imaginário urbano e podem sugerir parte das lembranças dos desenhos de Catarina.

Também se fala de Raushenberg a propósito desta forma de conjugar a própria contradição das imagens aqui convocadas e evocadas. O pintor americano elege o improvável, arruma o espaço por cadências retangulares, cola e corta o real impossível, coisifica o inominável. Há aqui um modo semelhante quanto à evocação, ao modo de encadear as formas de maneira surpreendente, a certeza expressiva do corte, a mobilidade visual renascendo em cada passagem de fragmentos de espaço e figuras que parecem avançar pela representação de algumas histórias, várias atitudes de corrida, o salto no vazio, e a paisagem lunar (Kubrick) e o fundo habitado dela. Assim como no túnel que nos atrai para a repetição e para a grande máquina ligada ao estudo sobre as partículas constituintes da nossa improvável origem.

Estas e outras alusões, num espaço plástico, gráfico, fotográfico, procuram dar a ver o que Catarina Patrício organiza, justapõe, sobrepõe, corta e distende, sempre numa mobilidade paralisada na condição do quadro — mas que nos permite recorrer e viajar pelas nossas próprios memórias, pelo nosso intrínseco espaço cultural. ■

Galeria S Mamede, Rua da Escola Politécnica, 167, Lisboa. Até 16 de Junho. Todos os dias úteis, das 10h às 18h